

Por uma ética do compromisso: palavras comuns da nossa prática

Cidália F. Silva, Marta Labastida,
Rute Carlos e Ivo Oliveira

Escola de Arquitetura, Arte e Design

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.186.14>

INTRODUÇÃO

Escola deriva da palavra grega “skholē”, a qual significa “tempo livre, ociosidade e discussão”. Por sua vez, lecionar tem origem no latim “legere”, o qual significa “ler, coletar, reunir”. Lecionar numa Escola de Arquitetura, Arte e Design implica, assim, selecionar e coletar os frutos da ociosidade para uma discussão livre e não limitada a um pensamento único. Ociosidade não deve ser confundida com frivolidade, mas antes equiparada com a imperativa necessidade de Tempo, que é fundamental para uma discussão eticamente implicada com a realidade.

É a partir desta ética de compromisso – da Escola com o território – que este texto celebra a missão primordial da Universidade: o ensino e aprendizagem dos seus estudantes. É importante recordar que a Universidade é ainda, e sobretudo, um lugar de aprendizagem e de ensino, de descoberta e de construção de sentido crítico. Este sentido crítico só se constrói na liberdade do pensamento, em comprometimento com as pessoas e com os lugares que habitamos.

Vivemos tempos incertos. Os recursos são escassos. Por isso é tão importante que esta celebração dos 50 anos da Universidade do Minho seja um momento de reflexão, para nos perguntarmos: *Porque existe e para quem existe esta casa comum?* A resposta é: para os estudantes. A isto poderemos chamar um exercício da arte da memória.

Os estudantes entram na nossa Escola, em disciplinas que trabalham com processos criativos – no Projeto, mas não só, essencial e transversal a todas as áreas que aqui coabitam – a Arquitetura, as Artes Visuais e o Design. Por sua natureza, o Projeto exige uma interação próxima e longa entre estudante e

professor. Exige Tempo, muito tempo. Vivemos hoje tempos em que o próprio Tempo se tornou cada vez mais escasso. Mas se não o reivindicarmos, terminaremos num beco sem saída.

Assim, a nossa (e)vidência é dedicada ao aprender e ensinar como práticas recursivas. É uma ode ao amor pelo conhecimento – ou melhor, à descoberta incessante do (não) saber – que leva ao saber. *Como criar uma atmosfera de entusiasmo para que os nossos estudantes aprendam e sejam apaixonados pelo aprender? Como dar tempo ao tempo para que estudantes e professores se dediquem à busca incessante que o (não) saber implica? Aquele saber que está nos livros, mas que está também, essencialmente, nos lugares que transformamos.*

O trabalho criativo não se faz nos limites do tempo linear. Transpõe-nos. E lida com a incerteza permanente do não-saber. Este é um processo-projeto em transformação constante e sem final antecipável. Esta natureza exige tempo – muito tempo, voltamos a repetir. Exige desejo para abraçar o desconhecido – dos estudantes, mas também dos professores. Cada um é chamado a este ato no qual descobre a ideia específica que desenrola o caminho do seu projeto. Mas não havendo um manual de instruções, nem tão-só apenas uma linha a percorrer, mas antes infinitas que se cruzam e se baralham, é o projeto-processo que (re)tece, a cada instante, o seu devir.

A Escola está ética e politicamente comprometida com a realidade e inevitavelmente comprometida com os desafios do presente. Não podemos esquecer esta ética do compromisso que reconhece que qualquer ação transforma os lugares onde o tempo vivido, dos seres que o habitam no dia a dia, humanos e não humanos, coexiste com o tempo geológico nos seus milhões de anos. É nesse interstício de tempos e escalas que trabalhamos, e daí advém a nossa responsabilidade.

Nessa ética de compromisso, (e)videnciamos palavras que ao longo dos anos foram definindo a nossa prática comum, construída juntamente com os nossos estudantes, ao longo de 27 anos. Os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, criados em 2015, vieram confirmar a relevância dos nossos princípios e metodologia. São sistematizados com uma linguagem diferente da nossa, mas no fim, concorrem para o mesmo: a consciência crítica e operativa perante o desenvolvimento social, ambiental e económico. Os de amanhã, de ontem e de hoje...

CONCRETO

A nossa prática é uma “celebração do concreto”. Celebra a pedra que encontramos no caminho pela própria pedra, pela sua medida, pela sua materialidade, pela relação que estabelece com o nosso corpo, e também pela sua rugosidade moldada pelos ventos no longo tempo geológico. *O que tem a dizer este pedaço de terra que atravessamos? O que está para além dos limites que somos impedidos de percorrer?* Celebramos a árvore da mesma forma como celebramos o muro ou as obras dos autores que mais admiramos; mas não nos esqueçamos de celebrar sempre a terra húmida que pisamos com os pés. Quantas vezes pisamos esta terra húmida e nos queixámos que deveria estar seca? Tentamos não nos queixar, não julgar o que encontramos nos lugares por onde trabalhamos.

Trata-se de dar um passo à frente e dois atrás, para (re)conhecer o que encontramos – ou antes, o que vem ao nosso encontro. É essa disposição de nos abirmos ao inesperado, a ver o que (não) é visível, a visitar o (in)visível – ou pelo menos fazer essa tentativa.

Trata-se de uma ética de responsabilidade para com o que existe e o que já não existe, mas também com o que pode existir/resistir. Desta forma, a celebração do concreto não é uma oposição ao abstrato; sempre que desenhamos uma linha no papel, essa linha, e as outras, as mil e uma linhas, terão sempre diferentes graus de abstração; mas o processo intermedeia a passagem do real ao desenhado, para que os dois não sejam opostos, mas apenas uma passagem de um estado a outro, permitindo assim o devir do lugar-já-projeto.

PROXIMIDADE

Entra no lugar, explora-o em todos os sentidos. A aproximação do corpo ao lugar não é descartável. As camadas de complexidade prolongam-se no tempo num processo contínuo de ir e voltar, de estar simultaneamente dentro e fora do sítio: o corpo aproxima-se, afasta-se, clarifica e, conseqüentemente, decide o que representar e a forma de o fazer.

Encontras um canal de rega abandonado no meio dos campos do Vale do Ave e não sabes como funciona. Tenta encontrar alguém que lá habite, se possível alguém que ainda faça parte de uma longa linhagem de gerações que habitaram esse lugar onde te encontras. Sabem mais acerca do lugar do que tu julgarias. Têm um conhecimento enraizado na sua terra.

Trata-se de criar uma relação de empatia com o lugar. No final, o importante não é o nosso projeto. É, antes, saber se o projeto tem realmente algo a oferecer. Senão, opta por nada alterar. Pois o próprio lugar é já um projeto.

O território próximo, a proximidade que criamos com cada um destes lugares – banais, dizem uns; sem carácter, dizem outros – para nós, são apenas os lugares onde nos encontramos, e onde encontrámos a nossa forma de pensar, fazer, agir. O Vale do Ave, sim, foi território repetido, vezes sem conta ao longo destes 27 anos. Com ele crescemos, mudámos e transformámos a nossa prática. A este território devemos o que aprendemos: *Como reconhecer? Como representar? Como refazer? Como entrar no diálogo entre o que é (simultaneamente no tempo longo e instantâneo, presente contínuo, com descontinuidades abruptas também) e o que pode ser?* Mas o nosso lugar de trabalho não foi só o Vale do Ave. Temos que referir também o Vale do Cávado, o Minho; fomos de Trás-os-Montes ao mar atlântico e mais além deste.

CAMINHAR

Percursos que se repetem como uma medida do tempo e um mediador da experiência. Caminhar é um ato criativo através do qual reconhecemos. Este reconhecimento é feito através da relação direta entre o nosso corpo e o espaço percorrido. Não é apenas o olhar que nos permite ver. Quando fechamos os olhos e cheiramos, ouvimos ou tocamos, apreendemos outras dimensões que nos escapam ao olhar. Este é um ato próximo de relação, que através do reconhecer provoca a transformação, tanto do espaço como do nosso ser. Aprendemos a andar, andamos, repetimos a ação e voltamos a andar. Daí ser uma prática. Desta forma, transformamos a percepção do espaço e também a nossa própria relação entre o espaço, o tempo e a experiência cognitiva dos mesmos. O andar permite-nos a liberdade de nos perdermos e assim descobriremos outros espaços.

Percorre o lugar sem um intuito predeterminado. Percorre-o simultaneamente com intenções desejadas. Perde-te. Transpõe os limites. Diverge dos caminhos predefinidos no mapa. Salta muros e vedações, entra no espaço. A própria ação descobre o caminho. Fala com quem encontrares nesse deambular. Recolhe o que encontras. Coisas, memórias, conversas, sons, imagens, texturas, matéria; o instante. Permite que o acaso entre neste processo. Escuta, inquieta-te e dialoga. Apropria-te e compromete-te. Imagina.

OBSERVAR

Assume a exploração, o *voyeurismo* e a empatia. Porém, é imperativo ir mais além da contemplação. Perguntar ao lugar a partir do olhar do detetive. Pergunta, pergunta uma e outra vez. Um lugar só se descobre se tiveres mil e uma perguntas na tua cabeça.

Observar implica um deslocamento constante entre aquele olhar distraído que se surpreende, experimenta e descobre, e aquele olhar operativo que seleciona e recolhe com o fim de usar. Entre ambos, desdobra-se uma infinidade de pequenas *nuances* que enriquecem a tua observação.

Posiciona-te para reconhecer. Muda de posição. Estabelece uma relação crítica. Reconstrói o que entendeste. Descreve o que testemunhaste. E presta atenção às ideias em estado de latência. Intui para depois especular. Antecipa o apreendido. Torna-o em aprendido.

Tenta não fazer juízos de valor; basta criar um campo próprio de observação com o lugar, através do qual se aprende a olhar e a interagir com ele.

Escolhe uma coisa. Foca-te. Simplifica para deixar entrar a complexidade espontaneamente. Seleciona para encontrares novos nexos de relações. Representa-as. Volta ao lugar e amplia a capacidade de exploração, tanto em extensão como em profundidade. Permanece. Coloca em confronto aquilo que pensas não ter relação. O ambíguo e o díspar. O próximo e o distante.

O visto e o experimentado. O casual e o apropriado. Relaciona o aprendido com o encontrado. Perscruta.

QUOTIDIANO

Perscruta a experiência do habitante do lugar, na forma como ele se apropria, usa, modifica e interage com o lugar coletivo. Estabelece diálogos com aquilo que ouves, tocas e sentes. Com o espaço vivido, com quem vive neste lugar que agora percorres, com os seus modos de vida, as suas formas de habitar, o seu dia a dia, os seus hábitos e as suas rotinas. O hábito é o que os seres vivos fazem para se adaptar. Se assim é, faz sentido integrá-lo no projeto.

Faz, assim, o inventário das práticas do quotidiano que reconheces no lugar percorrido. Entende que estas práticas são essenciais para um projeto consequente com este lugar específico. Procura o ordinário, o efémero, o informal e o frágil. Aquilo que pensas não ter qualquer importância, tê-la-á para alguém. É na integração das pequenas coisas da vida quotidiana que a nossa prática pode tornar-se significativa para as pessoas às quais se destina. Respiga, desde restos até àquilo que os outros descartaram. Não consegues imaginar o potencial criativo que têm? Talvez no final já faça sentido; senão, poderás sempre deixar ir, abdicar. O escasso tem o potencial de se tornar em algo precioso. Mas como tendemos a olhar apenas para o magnífico, esquecemos o potencial das coisas muito pequenas e banais.

Cria um atlas de memórias coletivas, individuais e partilhadas, faz um inventário das diferentes apropriações ocorridas no lugar. Desenha e tece as narrativas entre a história e a estória pessoal. Antecipa histórias não contadas.

INVISIBILIDADE(S)

E é assim, neste processo de inquirição que dá visibilidade ao invisível, que o projeto se torna real. Um trabalho que faz projetos como instrumentos de conhecimento é, antes de mais, um labor que dá visibilidade ao invisível.

Não te fiques pela imagem panorâmica que vês do alto do monte da Peña; pergunta-te sobre o que transforma cada pequena célula deste lugar que a tua visão alcança até à linha do horizonte. Só assim, neste cruzamento, é que vais desvelando o invisível.

Os lugares têm infinitas invisibilidades a transformá-los. A legislação, os inúmeros planos que o regulam, as políticas municipais, regionais, nacionais, europeias e globais. As exigências ecológicas, os conflitos e as emergências climáticas. O valor da terra e as distorções e oscilações dos mercados financeiros. Redes de invisibilidades às quais o teu projeto-lugar poderá, e deverá, dar visibilidade. Tensões expressas e incógnitas. Todo o território é um lugar de poder e subjugação. *Como representar esta complexidade? Dás visibilidade a quê e a quem? Quem tem voz no teu projeto? Quem habita no lugar? Quem tem o poder de decisão sobre ele? Qual é a posição do teu projeto perante estas tensões?*

REPRESENTAÇÃO

O que representamos? Serão a(s) síntese(s) do aprendido, do questionado ou do imaginado? Desenha o teu mapa. Não te contentes com os mapas que encontras, pois tenderão sempre para uma certa (in)verdade. Mesmo os mapas que fazes terão diferentes níveis de incorreção. Um mapa é sempre uma seleção. Os mapas são sempre simplificações. E têm poder, muito poder. O que está desenhado tem tanta importância quanto o que não está desenhado, cartografado.

A representação que procuras não quer ser exemplar mas particular, não pretende ser absoluta mas provisória. Não pretendas conseguir uma imagem conclusiva, mas uma síntese proactiva. A representação nasce sempre de uma atividade eidética.

Ao desenhar ou registar a partir de uma primeira ideia do lugar, surgem novas questões e novas ideias que te obrigam a desviar o olhar; simultaneamente, surgem outras leituras, muitas vezes complementares, que por sua vez geram outras ideias.

A experiência topológica do lugar é difícil de medir, baseia-se em relações e associações que dificilmente podem ser resumidas em geometrias cartesianas. Constrói representações capazes de superar estas geometrias. Mas auxilia-te também com levantamentos e medidas rigorosas. Medir e associar são fundamentais para mapear. Representar já é propor.

TRANSVERSALIDADE

Reconhece as diferentes escalas constituídas por matérias, artefatos e modos de fazer, procurando entender a forma como transformam o lugar a várias escalas: na micro e na macro, na proximidade e na distância, nos movimentos entre geografias distintas.

Que possibilidades e potencialidades têm os projetos que fazemos para renovar a ligação com os lugares que habitamos? De que modo a transversalidade de escalas inerente a qualquer lugar poderá ser um contributo científico para o mapeamento das paisagens e das suas problemáticas? Como interetar o conhecimento parcial das diferentes áreas científicas, tais como a arquitetura, o design, a arte, o urbanismo, a história, a geologia, a geografia e a sociologia, através da criação de representações que sintetizem e cruzem o conhecimento recorrentemente disperso nestas áreas disciplinares, tornando real o conhecimento holístico imanente aos lugares?

Como trabalhar com a transversalidade de escalas do lugar-projeto, como instrumento do projeto gerador de conhecimento? Um instrumento que explora a sua complexidade a partir das relações «entre». Tal como no princípio hologramático, a parte está no todo que está presente na parte. É no cruzamento entre a escala planetária com o dia a dia dos espaços que se desdobram as infinitas escalas do lugar-projeto, nas quais o tempo opera como mediador – “trans”, entre tempos, escalas e disciplinas. É nesta rede relacional complexa que múltiplos espaços e comunidades são implicados e transfigurados.

Trata-se de tornar visível a relação entre matéria, agentes e processos, aproximando espaços que, apesar de distantes geograficamente, estão implicados devido ao uso complexo dos recursos da Terra.

Ao mapear – por exemplo, a produção – confere-se visibilidade à natureza dos recursos, à matéria e aos seus domínios, aos impactos e efeitos da sua transformação. Estes efeitos são simultaneamente próximos e distantes, tanto no espaço como no tempo. São interdependentes de fatores endógenos e exógenos. Estes desenhos *transescalares* sintetizam graficamente a teia de relações intrincadas, muitas vezes invisíveis e imateriais, demonstrando a sua complexidade.

TEMPO

O tempo revela-se através do lugar. O lugar revela-se através do tempo. Partindo desta correspondência, (re)constrói-se o conhecimento disciplinar que cruza múltiplas escalas com relações espaciais, sociais e pessoais que definem a espessura temporal dos lugares. Esse conhecimento revela a capacidade processual e operativa do tempo, demonstrando a sua sucessão e transformação, mas também a sua incerteza e instabilidade. O tempo é, simultaneamente, operador e operativo.

De que falamos quando falamos de tempo? Esta pergunta terá sempre uma resposta incompleta. Articulamos o cruzamento entre o tempo vivido com o tempo geológico do lugar. Tantas vezes isso foi desvelado e comprovado. Vejam-se os lugares mais inconstantes junto à nossa costa. Antigos e profundos braços de mar, como a antiga Lagoa da Pederneira junto à Nazaré. Sendo hoje várzea agrícola fértil, o seu equilíbrio, e a sua grande qualidade, é a sua fragilidade. Tende e tenderá sempre para se tornar novamente água. É por isso que estes solos são tão férteis. *Então porque nos queixamos das suas inundações ou do nível extremo de saturação de água?*

Falamos do tempo linear, sequencial. Mas não te esqueças de que as datas que mapeamos são dependentes dos dados que a História nos deixou, principalmente das cartografias existentes. Entre estas datas existem inúmeras outras que poderiam e deveriam ser representadas. Assim, “1923” ou “1843”, são apenas contingências dadas pela História. É importante procurar nos interstícios deste tempo linear todas as outras infinitas invisibilidades que não ficaram registadas por ninguém. A História regista, mas também apaga. Os lugares são sedimentações de múltiplos tempos. O que entendemos representar, e assim afirmar “É este, é este que é relevante”, inscreve em si um risco: esquece o que não ficou e quem não ficou nos anais da História.

Entende também os ciclos que representam as recorrências e as suas variáveis: dia e noite; verão e inverno; acordar e dormir... O tempo impele-nos a desvelar indícios e vestígios do que parecia estar apagado, a tentar antecipar o que existe agora mas que deixa de existir no instante seguinte. O devir para além do visto.

Falamos de sobreposições de tempos que recolhem dados e factos de distintos campos disciplinares; de evoluções e regressões temporais que se enraízam nas forças tectónicas.

O tempo tem palavras infinitas: a incerteza, impermanência, incompletude, transiência, mudança, mutabilidade (...). Já trabalhamos com todas elas.

O projeto tenderá para a “obra que resistiu ao tempo”. Uma falácia. Nada resiste ao tempo por si, só resiste porque a sociedade assim o quis e investiu recursos na sua manutenção. A entropia existe, é real. O teu projeto pode ou não trabalhar com ela. É uma decisão tua.

MEDIAÇÃO

O projeto cria um diálogo entre o que é encontrado no lugar e o que é possível. Integra o aprendido, produz interferências e simula cenários onde múltiplas escalas e processos se intersejam.

As ações estimulam conexões inesperadas entre as coisas; catalisam campos de relação entre atividades e potenciais usos; formas de habitar e de produzir, criando ou explicando relações transescalares no devir do tempo longo do lugar.

Assim, o projeto aparece “no meio de”, incluindo o maior número possível de lógicas, aspirações, sistemas, escalas, agentes, atores... *Como é que o projeto lida com estas tensões e as media?*

Opta por uma mediação próxima, inventiva, provisional, aberta e simultaneamente construtiva e propositiva; na continuação do diálogo, é preciso ouvir para participar das múltiplas conversas do que se faz e acontece no lugar. Assim se constroem valores para uma ética do coletivo. O programa cria-se a partir do lugar, descobrindo interseções e tentando construir consensos.

Antecipam-se cenários flexíveis para futuros incertos. Misturam-se escalas espaciais com dimensões sociais. O conhecimento recria-se na antecipação do estranho para integrar o variável e o imprevisível. O projeto prepara o suporte para apropriações desconhecidas; conecta diferentes escalas e tempos, conciliando vontades e aspirações.

SOLO E ÁGUA

Solo e água são recursos e sistemas essenciais que determinam o suporte de qualquer ação. A sua natureza e a sua condição definem e potenciam os princípios de intervenção.

Chão plano, poroso, permeável, rocha dura, areia, solo fértil e a água. Maior permeabilidade! Água que inunda, transcorre e deposita... água doce, salgada ou contaminada. Água escassa ou de conflito. Quais as dinâmicas da água? Das marés, das ribeiras e das áreas inundáveis. Água da chuva, lençóis freáticos e bacias hidráulicas. A água inclui todas as escalas entre os 2 cm da soleira até à sua hidrogeografia. Dar continuidade à água!

Atentem também no solo e na sua matéria: granito, carvão, ferro, mármore... na geologia do solo. *De onde vêm estes materiais, para onde vão, como são extraídos e que impacto tem essa atividade na Terra? Qual é a sua transformação? Precisamos de mais matéria? É possível requalificar o solo atendendo à sua própria natureza?*

Encontras uma fábrica, outra fábrica e outra e mais outra, abandonadas ao longo do rio. *Como é possível haver tanta terra despojada da sua fertilidade inicial? Não te fiques apenas pelas paredes construídas. Olha também para a vegetação que cresce nas fissuras do lugar-solo abandonado. E o que nos diz esta planta que cresce nesta fissura do chão que pisas neste momento?*

O solo e a água, mas sobretudo a sua estreita relação, demarcam formas de habitar e estimulam processos, produções e sistemas vivos como a vegetação.

O cultivo, é um excelente exemplo da relação entre a água e a terra. Uma relação condicionada e manipulada com sistemas e mecanismos que alimentam ou servem de apoio à produção agrícola: tanques, poços, minas, açudes e levadas. Modos de fazer e artefactos ancestrais vinculados aos recursos do lugar que todavia subsistem, mas que paulatinamente estão a ser anulados em prol de uma uniformização associada a um progresso genérico.

MATÉRIA

Ao assumir uma visão contemporânea da natureza baseada na instabilidade e na mutabilidade, aprende-se a olhar para o artificial, ou seja, para o nosso ambiente como um todo, afastando-se dos modelos mecânicos ou estáveis e aproximando-se dos modelos ecológicos e dinâmicos.

O projeto-lugar integra sistemas complexos onde se intersejam matéria natural e matéria artificial.

Superamos a necessidade de separar ou segregar a matéria. Trabalhamos com matéria de distinta natureza que inclui dinâmicas próprias e relações concretas.

O projeto conduz a novos lugares, utilizando uma visão ecológica que, além de assumir processos de natureza distinta, enuncia a versatilidade, a adaptabilidade e a mutabilidade de qualquer lugar. Isto implica a possibilidade de integrar relações muito mais ricas, que não se limitam a distinguir ou a dividir, mas antes procuram articular materiais e lógicas de origens distintas, trabalham desde o limite.

Desde o projeto, aplica-se um raciocínio ecológico que prioriza relações como a interação, a complementaridade e a cooperação, reconhecendo e aproveitando a multiplicidade e diversidade que qualquer lugar oferece.

COLETIVO

Interessa-nos fortalecer o que é de todos, o que potencia as suas formas de organização e amplia os seus espaços de atuação.

Reivindica-se o projeto enquanto resposta às necessidades de quem vive em sociedade e num lugar comum, a Terra, para assim não esquecermos a ética do coletivo. O coletivo que não é apenas humano, mas exige o respeito por todos os seres vivos e pela sua preservação, e a consequente integração no projeto.

É uma construção coletiva, indissociável dos que confirmam a sua necessidade, dos que participam na sua conceção e construção, e dos que ambicionam experienciá-la. O projeto convoca os mais diversos saberes e processos – precisa de muitos. É um exercício partilhado.

O que nos distingue é também este território próximo, o Minho, que coletivamente foi sabendo gerir os recursos, a água e o solo, e que, enfrentando a escassez, produziu formas de associação surpreendentes. O Minho, com o seu tecido associativo que se instalou nos lugares centrais e nos mais remotos, que nos ensina que na sua localização, na forma como cobrem o território e nos seus âmbitos de atuação, reside um potencial pouco habitual. Através destas associações, podem-se conquistar outras práticas, outras possibilidades de governança, desejavelmente mais participadas. Com as coletividades, podemos melhorar a Veiga e os baldios, mas também a rua ou qualquer lugar de convivência próximo.

TECNOLOGIA

Atendendo à tecnologia, reúne-se instrumentos, métodos, atores e materiais diversos. A tecnologia revela dispositivos que remetem para as mais diversas gerações, desde os mais rudimentares aos mais sofisticados, com os quais todos nós ambicionamos lidar. Intuitivamente, vamos buscar muitas tecnologias a outras disciplinas, usamo-las para compreender e provocar os lugares, para constatar ou suportar a transformação. Nas tecnologias de cultivo, extração, corte, associação, acabamento ou transporte, suportamos narrativas, criamos o espaço da casa e do trabalho, atuamos sobre o território. Com elas, cruzamos os mais diversos tempos e lugares; sobre elas, descobrimos, acumuladas, as mais diversas formas de fazer e cuidar.

No projeto, desejamos retomar a mais antiga das tecnologias, ao mesmo tempo que manipulamos aquelas que nos ajudam a lidar com a complexidade dos sistemas de informação. É com todas elas que perseguimos a transição, muito particularmente a transição ecológica. É neste contexto que aprendemos a ser mais ativos, a fazer algo mais por via do esforço dos braços, sejam eles

biológicos, biônicos ou robóticos. Interferimos com o natural e com o artificial, precisamos das tecnologias que são analógicas e das que são digitais; nenhuma é obsoleta, à partida todas são o futuro.

APRENDER

O projeto do (não) saber não tem início nem fim. Mapeia indícios. Comporta em si a incompletude. Integra saberes que a academia separa e visa construir inesperadas formas de conciliação. Como disse o filósofo grego Sócrates:

“Passem a tarde debaixo de um plátano (...) próximo de um rio; ouçam com atenção o doce ruído das águas; prestem atenção ao vento a embalar as folhas das árvores e ouvirão a sua bela música. (...) Entrem no seu interior e reflitam; (...) lembrem-se que sem diálogo não há consciência (...). Se estiverem sós, falem com as árvores, com o rio e com os deuses. E não me venham para o Simpósio com a cabeça vazia!”